

# A CASA COMO ESPAÇO DE MATERIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE LUTO NA POÉTICA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

The house as a space that materializes mourning in José Craveirinhas's poetic

Nathália Soares Pinto<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 27/02/2020.

Artigo aceito em: 21/05/2020.

## RESUMO

O presente artigo dispõe-se a pensar acerca do espaço da casa em poemas do livro *Maria*, do poeta moçambicano José Craveirinha. A análise, a partir de um viés psicanalítico freudiano, estabelece este espaço como um território onde se materializa o luto após a perda do ser amado. A partir de um diálogo crítico, que une psicanálise, a ideia de paisagem de Michel Collot e a análise de Gaston Bachelard acerca da casa, discute-se aqui a relação concebida entre homem e espaço por intermédio da composição de um espaço literário que concretiza o luto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto, Paisagem, Poesia, José Craveirinha.

## ABSTRACT

This article intends think about the house in poems from the book *Maria*, by the Mozambican poet José Craveirinha. The analysis, based on a Freudian psychoanalytical bias, establishes this space as a place that materializes mourning after the loss of a beloved person. From a critical dialogue, which unites psychoanalysis, Michel Collot's idea of landscape and Gaston Bachelard's analysis of the house, we discuss here the relationship conceived between man and space through the composition of a literary space that concretizes the mourning.

**KEYWORDS:** Mourning, Landscape, Poetry, Jose Craveirinha,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literaturas Africanas, no Programa de Letras Vernáculas, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), <http://lattes.cnpq.br/2367685142214094>, [soaresnathy@live.com](mailto:soaresnathy@live.com).

## 1. Introdução

O presente artigo explora o espaço material e simbólico da casa em poemas do livro *Maria* (1998), do poeta moçambicano José Craveirinha. A partir de uma concepção de espaço, na literatura, como um fator que agrega profundidade e força ativa ao texto literário (MORETTI, 2003), apontarei em que medida o luto atravessa o sujeito lírico irradiando para a moradia todo o vazio da perda do sujeito amoroso.

A produção literária de Craveirinha é permeada pela sua trajetória pessoal e a de seu país. A perda é um traço comum à sua poética, seus versos retratam a ausência da liberdade em África devido ao processo exploratório da colonização e à escravidão; a extinção do direito de livre manifestação devido à censura; a privação de liberdade individual – inclusive o poeta esteve preso de 1964 a 1969, em virtude do seu envolvimento político com a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) – e, também, a morte de sua esposa Maria. São muitas as perdas com as quais o autor teve que lidar durante a sua vida. Este último terrível acontecimento, que o fez viúvo, foi o motor de escrita do livro, que leva o nome de sua companheira, lançado em 1998, objeto de estudo deste texto. Sobre o ideário da perda na produção do escritor:

Comum às publicações do poeta José Craveirinha, o ideário da perda resguarda em sua potencialidade imagética um profundo elo com a elegia, categoria estética das mais presentes na história da literatura. Desde os versos desmedidos de *Xigubo* (1964) ao lamento fúnebre e particular de *Maria* (1998), a obra do moçambicano, talhada em consonância ao desenrolar histórico e social de seu país, lida com a ausência como se guardasse relíquias. Todos os escombros e as ruínas de utopias desfeitas, amores findos, claustros vividos e vozes esquecidas se encerram nesses relicários da palavra, signos de uma linguagem ora verborrágica ora concisa, ora preditora de liberdades ora disfórica, mas consistentemente atenta a seu lugar em um mundo disruptivo. (GONÇALVEZ, 2018, p. 9)

A reação moçambicana ao Colonialismo começou em 1962, ano em que Eduardo Mondlane fundou a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), partido político que almejava a liberdade da colônia em face da dominação do

colonizador. A luta armada libertária se iniciou em 25 de Setembro de 1964 e só teve fim após quase 11 anos de guerra, em 25 de junho de 1975 com a libertação do país.

O pós-independência foi marcado por um período de grande euforia (SECCO, 2009) no qual preponderava uma utopia de liberdade, sentimento que contagiou a população como um todo. No entanto, após 1980, o que se via era uma grande desilusão com o governo instituído, que não alcançara o projeto de país pretendido. Foi então que, nesse cenário, surgiu a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), partido de oposição ao governo atual, apoiado pela África do Sul, que almejando controlar o país deu início a uma guerra civil – fratricida – em Moçambique. Esses partidos guerrearam até outubro de 1992, quando foi assinado em Roma um acordo de paz entre ambos.

Em meio a essa conjuntura, a poesia de Craveirinha, em suas mais diversas facetas, retrata paisagens moçambicanas de resistência, luta e perda, uma vez que é a literatura aquela responsável por fornecer a “(...) mais forte expressão deste “espaço vivido” pela qual se interessam cada vez mais as ciências humanas e nossas sociedades.” (COLLOT, 2013, p. 15). Os poemas, do livro escopo desta pesquisa, por meio da disposição de objetos, do vazio, da descrição de cômodos acromáticos, potencializam a força da ausência de Maria, reforçando a ideia que o “tratamento literário do espaço exercita, por intermédio de diferentes recursos e buscando variados efeitos, seu poder de atordoamento.” (BRANDÃO, 2012, p. 194). Além do imagético, o luto do sujeito lírico se constrói também na arquitetura dos versos do poeta. Em *Maria* (1998) é marcante a síntese, versos curtos, elipses, ou seja, “tudo ocorre para que o máximo de expressividade seja constituído por um mínimo de palavras.” (CHAVES, 2006, p. 146).

À luz da corrente psicanalítica freudiana analisarei a poética do luto presente na referida obra, em que o mundo do autor, que se materializa no espaço da sua casa, se torna pobre e vazio sem sua companheira. A casa é o exílio interno

do “(...) homem agora mergulhado nas dificuldades de estabelecer intimidade com o seu próprio cotidiano” (CHAVES, 2006, p. 146).

Essa interpretação será possibilitada pela leitura e análise de poemas do livro em questão, principalmente no que tange a descrições da paisagem em torno do sujeito lírico e a caracterização do luto (FREUD, 2011). Ao percorrer os versos do poeta é notável a resignificação pelo qual passa a casa, posto que é, em um primeiro momento, cúmplice da feliz vida de um casal em meio a toda a sua rotina e se torna, posteriormente, um retrato da solidão e do vazio deixado pelo ser amado, agora já falecido. O lar do outrora casal “fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens” (BACHELARD, 1993, p. 199), paisagens que serão aqui analisadas e que não são estritamente geográficas.

## **2. A casa: ambiente que se constitui paisagem**

*A casa é nosso canto do mundo.*  
(Bachelard)

O livro *Maria* (1998) nasce de uma vontade do poeta de preencher lacunas de saudade (CRAVEIRINHA, 1998) após a perda lancinante de sua esposa. Como um véu, as memórias dão ao sujeito lírico um novo (saudoso) olhar por todo o ambiente e é esse olhar que alimenta a escrita. Apesar da (falsa) modéstia do poeta da Mafalala, o fazer poético será, portanto, o instrumento para render homenagens e resgatar a lembrança deste ente perdido:

(...) O *Maria* balada inteira aí está. É a minha homenagem, a minha eterna grande dívida por saldar tudo quanto *Maria* significou e sempre significará por mim.

É encerro este pórtico, concordando com todos aqueles que, nesta colectânea, mais deparem com uma maneira intimista de render justo preito à memória de um ente muito querido e menos com um exercício de escrita literariamente conseguido ou poeticamente literário. (CRAVEIRINHA, 1998, p. 8)

A casa em seu sentido primitivo, espacial, é a fortaleza do homem, espaço de segurança e abrigo independentemente de tamanho ou classe social (BACHELARD, 1993). É, portanto, um espaço de pertencimento, no qual ocorrem os mais diversos eventos da vida humana, onde o tempo e a subjetividade ajudam a moldar memórias e, conseqüentemente paisagens, que provocam o pensar, afetam e se desdobram como tal. Mais do que espaços, geograficamente falando, em Maria (1998), a habitação é paisagem, na medida em que exprime uma relação de interdependência entre sujeito e espaço:

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade. (COLLOT, 2013, p. 15)

Para além da tangibilidade do sítio, a casa é um universo abstrato para o casal, onde o seu status imaterial, simbólico, foi adquirido em razão da vivência, de experiências e memórias no local. É o recinto em que se realiza o amor, se constroem laços, sonhos e esperanças de uma vida longa ao lado de Maria, planos frustrados pela morte. E são esses fatores, tão subjetivos, tão íntimos, os responsáveis por compor a paisagem presente nos poemas do autor. Portanto, deve-se entender a paisagem para além dos elementos físicos que a constituem e, sim, como uma trama construída por meio de todas as relações subjetivas ali circunscritas. Nessa acepção, Michel Collot (2013) afirma que o sentido de uma paisagem não resulta apenas de uma análise intelectual dos elementos que a compõem, mas de uma apreensão sintética das relações que os unem.

Bachelard (1993) afirma que é a casa o primeiro mundo do ser humano e, nessa perspectiva, é aí que se constitui como paisagem já que se materializa entre suas paredes um encontro entre o mundo e um ponto de vista, mais ainda, uma “aliança necessária entre interior e exterior, já que é definida [a paisagem] pelo ponto de vista de um sujeito sobre o mundo.” (COLLOT, 2013, p. 103). Portanto esse status simbólico, imaterial da habitação a compõe como paisagem, é o ambiente do

devaneio onde vida e experiências nascem, renascem e morrem tendo sólidas paredes como testemunha:

(...) se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. (BACHELARD, 1993, p. 201).

Fundamentado nos escritos de Michel Collot (2013), pode-se concluir que a paisagem é construída a partir de um olhar, de um modo de perceber o mundo à sua volta e por ele ser afetado. Toda a potência poética do ato estético de olhar edifica a paisagem, na qual se dá a união entre visível e invisível, palpável e impalpável.

A paisagem é, portanto, uma potência que se realiza no mundo, ainda que preponderantemente simbólica, uma vez que, como já citado, esteja relacionada à subjetividade de um olhar. Vale ressaltar que toda essa construção de sentido a partir de uma subjetividade não exclui a existência de uma percepção outra, coletiva; na paisagem podem ser investidos valores e significações tanto individuais como coletivos.

Sendo assim, este espaço lida com o que há de mais humano no indivíduo, o sentimento de pertencer, de abrigo e segurança. A casa une o concreto e o imaterial e essa simbiose é claramente vista nas paisagens presentes nos poemas de José Craveirinha insertos em Maria (1998).

### **3. O Luto**

*No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio.*  
(Freud)

O luto (FREUD, 2011) remete, geralmente, a uma reação em razão da perda de uma pessoa amada ou ideias que figuram nesse lugar, como liberdade, um ideal, um projeto e etc. Há um ânimo doloroso e persistente, um apego desmedido à memória e um profundo desinteresse pelo mundo exterior, agora desprovido

daquele ser amado. O luto é uma atitude esperada, genuína, reflexo de um processo de perda:

O luto profundo, isto é, a reação à perda de uma pessoa amada, apresenta o mesmo estado de ânimo doloroso e a mesma perda do interesse pelo mundo exterior, salvo por tudo aquilo que relembra o falecido. Também encontramos no luto a mesma perda da capacidade de escolher qualquer novo objeto de amor - escolha que significaria substituir o objeto do luto - e um desinteresse por qualquer tipo de atividade que não esteja relacionado com a lembrança do falecido. (FREUD, 2011, p. 104)

Nesse sentido, há de se falar de um processo de luto profundamente doloroso, que afeta o interesse do enlutado do mundo à sua volta, que se fecha a atividades que estejam diretamente ligadas à memória do objeto de amor perdido, que é, por sua vez, claramente identificado. O término de determinado vínculo, em razão da perda, se materializa em grande sofrimento, uma experiência processual e eminentemente subjetiva que se torna parte da vida do sujeito enlutado.

Há um silenciar do mundo, de sentimentos e de si, tamanha a dor e sofrimento emocional devido à privação daquele objeto de amor. O poema “Em vez de lágrimas” de José Craveirinha retoma essa ideia na medida em que, por meio de uma estrutura concisa, enxuta, narra o momento mais intensamente doloroso do luto. Os versos curtos, interrompidos, remetem à quebra do vínculo estabelecido com aquele objeto de amor e que agora não mais se estabelece. As lágrimas, o som, dão lugar a um choro seco, a ausência de som, o silêncio, que também, por sua vez, espelham a ausência que atravessa o enlutado. A escolha semântica de palavras como “vértice”, “auge”, “intenso” busca reforçar a potência dessa dor, uma dor tão intensa, que cala. A estrutura compacta do poema que trata da intensidade do luto é um recurso utilizado pelo poeta para reiterar sua dor.

Em vez de lágrimas

Só um choro em seco  
põe no vértice da minha dor  
o mais intenso

auge do luto.

(CRAVEIRINHA, 1998, p. 24)

Ao se dar conta da perda e que o objeto amado não existe mais, Freud (2011) garante que, mesmo assim, a existência desse objeto se mantém por meio de lembranças que atravessam constantemente o enlutado. No entanto, ao trabalho de luto é garantida a superação depois de algum tempo e considera-se inadequado e até mesmo prejudicial interrompê-lo (FREUD, 2011).

Por fim, a realidade comprova sucessivas vezes que o objeto amado não mais existe, motivando o desligamento da libido e a superação do luto, gerando um rompimento de vínculo com o objeto amado perdido (FREUD, 2011). Forças narcísicas convencem o enlutado a continuar vivo quando busca novos objetos substitutos àquele outrora perdido.

#### **4. Casa e Luto**

Ao percorrer as páginas de Maria (1998) o leitor se vê diante da dor crua e angustiante de um sujeito-poético que perdeu sua esposa. Os vestígios de um tempo outro estão nos cômodos, nos objetos, no jardim, desta maneira, toda a paisagem que circunda o sujeito poético remete a perda, há de se falar em um efeito narrativo desta paisagem, nos seus inúmeros planos. A partir do olhar do viúvo – e da existência de uma memória afetiva – se constrói uma percepção, uma imagem que potencializa uma saudade. As temáticas da dor, da solidão e da ausência estão fortemente presentes na obra, tal como um reflexo do luto do sujeito-poético:

O “Livro P” de Maria (1998), arquitetado por 35 poemas, incorpora à poesia o luto inicial com o qual o sujeito-poético precisa lidar. Não é gratuito, desse modo, que grande parte das metáforas presentes nesta seção orbitem em torno de um mesmo ponto concêntrico: a dor. (GONÇALVEZ, 2018, p. 152)

A morte da parceira traz o silêncio e uma ausência (muito) presente, tornando a casa um verdadeiro reduto do luto onde o sujeito lírico “vive a casa em

sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.” (BACHELARD, 1993, p. 200). O espaço é um reduto de memórias, de vivências, que estão para além da materialidade de móveis e paredes, e é nesse sentido que se pode falar em paisagem, posto que para além do que é visível, palpável, há a presença do invisível, do impalpável (COLLOT, 2013).

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. (...) Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 1993, p. 201).

A morte de Maria opera, portanto, uma ressignificação da paisagem. Se antes a casa era o exílio do amor e da rotina confortável dos amantes, tornou-se, agora, vazio, poeira e ausência. Em “Pó acumulado” o poeta priorizou a síntese e uma descrição minimalista do espaço ao redor do eu poético, no qual metonimicamente estantes órfãs e livros empoeirados fazem menção a uma ausência do objeto de amor perdido, consolidando a construção de uma paisagem de ausência. Aliterações da letra “s”, tal como o pó, acumulam nos versos, assim como a opção pelo efeito estilístico do hipérbato ao inverter o praticante da ação espanejar. A inversão evidencia o esvaziamento do espaço e a ausência de Maria, que é sentida por seu marido e pelos objetos que estavam à sua volta.

#### Pó acumulado

No orfanato das estantes  
aos livros empoeirados  
tuas queridas mãos de ausência  
já não espanejam.

(CRAVEIRINHA, 1998, p. 126)

A dor se materializa na escrita sintética, na economia e na potência das palavras. As paisagens descritas são cercadas por espaços vazios – na página do texto e no espaço geográfico representado – e o vazio sentido pelo olhar do poeta.

A “(...) a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem.” (COLLOT, 2013, p. 17) e essa relação complexa que atravessa toda a obra Maria (1998), em que local, olhar e imagem são potência de escrita para o autor. Há, então, de se falar aqui em uma paisagem que materializa um processo de luto vivido.

O poeta da Mafalala nos apresenta uma face marcadamente sucinta, que aposta na potencialidade imagética e das palavras, diferentemente do estilo adotado em Xigubo (1964) que conta com poemas caudalosos, fartos versos e estrofes, uma influência significativa da oralidade, enumerações exaustivas e etc.

(...) A poética de Craveirinha efetua um apagamento de cânones literários por excesso, abrindo seu ventre a abruptos cavalgamentos, aos versos livres, à contaminação pelo ronga, à influência da oralidade, à enumeração verborrágica, à presença intransponível de uma geografia bem delimitada, aos ritos e costumes religiosos, bem como a citações inúmeras que primam pela alta voltagem política de seus referentes diretos. (GONÇALVEZ, 2018, p. 30-31)

Na medida em que significações e valores individuais são atribuídos à paisagem (COLLOT, 2013), o mesmo ocorre com os componentes da mesma. No poema “A mesa” mais uma vez presente está à ausência do ser amado e o luto, com todo um apego doloroso à memória do objeto de amor preexistente. O mundo exterior está diferente sem Maria, sem cor, desproporcional, empoeirado e a mesa é um componente desse mundo. Versos e estrofes curtos estruturam um poema compacto e que trata, todavia, de uma grande dor. A desproporção do mundo, sem Maria, reflete-se nos móveis, pois a mesa, antes estreita, agora é grande demais. Cartograficamente o poema se divide, na folha, em dois: o antes, com projetos e a presença e o depois, com a desproporção do objeto e a ausência. A desproporção da paisagem se reflete nos versos que não se espelham e são atravessados por um corte abrupto, tal qual é a morte de Maria para Craveirinha.

A mesa

Os nossos projetos  
de outra mesa maior

mais me custam

.....

quando a mesma exígua mesa  
agora é uma mesa grande.

(CRAVEIRINHA, 1998, p. 18)

Portanto, em Maria (1998) os espaços são escassamente descritos, empoeirados, prevalecem distâncias e vazios; paredes e estantes parecem ser pontos fixos para um homem à deriva e solitário. A poesia retrata por meio do fundo poético (BACHELARD, 1993) da casa o processo de luto do sujeito lírico profundamente marcado por uma ausência. A paisagem é, na poética de José Craveirinha, uma constelação original de significados produzidos pela escrita (COLLOT, 2013, p. 58), escrita essa que se constitui a partir do olhar do poeta, de suas memórias e do seu luto. Logo, pode-se observar que o espaço da casa é concebido como paisagem, uma vez que lá se transfigura o processo de luto do viúvo de Maria.

Luto e casa imbricam-se tamanha é a recíproca influência entre ambos e a presença no livro escolhido para ser o mote da presente pesquisa. Há, por fim, toda uma arquitetura de significados a partir de um olhar que demonstra, por meio de versos, um modo de percepção do mundo e da realidade.

## 5. Considerações Finais

Por fim, pretendeu-se analisar a casa e o seu fundo poético (BACHELARD, 1993) como um abrigo para o luto vivido por um sujeito lírico que perpassa o doloroso processo de perda do seu objeto de amor. Os móveis, os objetos e tudo que compõem aquilo que formava um lar, incluindo a rotina ali vivida, são memórias que mantém “o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida” (BACHELARD, 1993, p. 201).

Por esses motivos a casa e a rotina do casal são o pano de fundos dos poemas presentes no livro *Maria* (1998) e, partir daí, buscou-se refletir acerca da constituição desse espaço em paisagem, mas uma paisagem que materializa um processo de luto em todos os seus valores afetivos, sentimentos e emoções. O meio que circunda o sujeito lírico é um reflexo da sua dor, a disposição de objetos, as memórias presentes no espaço, tudo remete a ausência do seu objeto de amor, deixando, assim, de ser apenas visto para ser percebido, para afetar:

A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado. Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior. (COLLOT, 2013, p. 26)

A morte de Maria é o motor de escrita do autor. O fazer poético instrumentaliza, dá voz e estabelece na paisagem a dor vivida. O processo de luto percorre um longo e doloroso caminho, relatado pelo poeta da Mafalala e consubstanciado nas paredes da morada do casal. No entanto, depois de algum tempo, a superação do luto ocorre através de um rompimento com o objeto perdido e a ascensão de um novo objeto de amor. José Craveirinha inicia o importante trabalho subjetivo de superação do luto ao buscar a escrita e o fazer poético; é essa a força narcísica que o convence a continuar vivo.

## Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços literários e suas expansões**. In: *Aletria*. Belo Horizonte, 2007, v.15, p. 206-220.

CHAVES, Rita. Experiência, melancolia e diálogo em José Craveirinha. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006. p. 139-149.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CRAVEIRINHA, José. **Maria**. Lisboa: Ndjira, 1998.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GONÇALVES, Guilherme de Sousa Bezerra. **José Craveirinha e os relicários da palavra**. 2018. Tese (Doutor em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa.) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003. 215 p. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos.

SECCO, Prof. Dr. Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Apostila de poesia das cinco literaturas africanas em língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2009.